



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2730>

## DESFAZENDO NÓS: A VIAGEM COMO AUTODESCOBRIENTO EM *A CHAVE DE CASA*, DE TATIANA SALEM LEVY

André Eduardo TARDIVO (UNESPAR)<sup>1</sup>  
Wilma dos Santos COQUEIRO (UNESPAR)<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura do caráter simbólico da viagem para a autodescoberta da protagonista-narradora na obra *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy. Para a leitura, consideraram-se as referências críticas sobre o feminismo e os significados da viagem na literatura, tendo por base autores como Lopes (2002), Ianni (2003), Hall (2006), Cury (2007) e Zolin (2009), entre outros. A partir da leitura realizada, percebeu-se que, a personagem que dá voz ao romance, mesmo não encontrando a casa cuja chave a porta deveria abrir, se redescobre tendo, inclusive, desconstruído a ideia de amor que tinha até então.

**Palavras-chave:** Crítica feminista. Literatura de autoria feminina brasileira. Viagem e autodescobrimento.

**Abstract:** the present work aims to present a reading of the symbolic character of the trip to the protagonist-narrator's self-discovery in *A chave de casa* (2013), written by Tatiana Salem Levy. For reading, were considered the critical references on feminism and the meanings of the trip in literature, based on authors like Lopes (2002), Ianni (2003), Hall (2006), Cury (2007) and Zolin (2009), among others. From the reading made, it was noticed that the character who gives voice to the novel, even not finding the house whose key the door should open, rediscovers herself, including, deconstructing the idea of love that she had until then.

**Keywords:** Feminist criticism. Literature of Brazilian female authorship. Travel and self-discovery.

*“É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.”*

*Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

### 1. Considerações iniciais

A literatura de autoria feminina durante muito tempo ficou relegada ao esquecimento da crítica especializada, de sorte que apenas os escritos produzidos por homens heterossexuais, brancos, cristãos e de classe médio-alta foram considerados literatura de boa

<sup>1</sup> Estudante de Letras Português/Inglês, Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão – PR, Brasil, tardivo.andre@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora do Colegiado de Letras, Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão – PR, Brasil, wilmacoqueiro@gmail.com



qualidade. Na tentativa de se inserir no cenário literário, eminentemente excludente, algumas mulheres escreveram sob pseudônimos masculinos, como as irmãs Brontë, por exemplo, ou então simplesmente foram emudecidas pela tradição canônica vigente. Contudo, com o surgimento da crítica feminista na segunda metade do século passado, os escritos dessas mulheres tornaram-se objetos de estudo com o intuito de se demitologizar a ideia de que a produção literária feminina era inferior à dos homens.

Partindo dos estudos de Showalter (1985) *apud* Zolin (2009), podemos depreender que a literatura brasileira, por meio de escritoras como Maria Firmina dos Reis e Clarice Lispector, passou pelas fases feminina e feminista, respectivamente, e começou a dar os primeiros passos na desmarginalização da produção literária feminina, contribuindo para a quebra de paradigmas patriarcais. No tocante a terceira fase proposta pela crítica anglo-americana, denominada fêmea, a qual se norteia pela busca de sua própria identidade, podemos citar a autora brasileira Tatiana Salem Levy que versa, em seu romance *A chave de casa* (2013), sobre temas contemporâneos como os deslocamentos espaciais e identitários, por exemplo. Entretanto, a autora transita entre a fase fêmea ou mulher e a fase feminista por explicar, também, sobre relações de poder entre o homem e a mulher e questões de gênero.

Resumidamente, a obra *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy, narra a história de uma jovem brasileira que recebeu do avô judeu a chave da antiga casa onde ele morara com família na Turquia durante toda a sua juventude. Envoltas em um misto de curiosidade e um sentimento de obrigação para com o avô, a protagonista vai à busca da porta correspondente à chave recebida. A narrativa avança e recua no tempo demonstrando a fragmentação do sujeito pós-moderno que, conforme nos apresenta Hall (2006, p.12), não possui “uma identidade fixa, essencial ou permanente”, pelo contrário, é totalmente volátil, uma vez que é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

A narrativa de Levy abrange uma gama de discussões para além do tema da viagem enquanto descoberta de si mesma, como o diálogo entre a mãe, já morta em decorrência de uma doença terminal, e a filha, em que as falas da primeira são evidenciadas, no romance, pelo uso de colchetes. Durante os diálogos, a narradora-protagonista demonstra pessimismo diante da vida, mas a mãe consegue enxergar o lado bom da vida. A obra exhibe, também, a história de seu avô e sua busca por uma nova vida no Brasil em função de um amor



impossível, bem como um relacionamento abusivo a que a narradora se submete e que acaba por deixar marcas não só no corpo, mas também na alma da personagem.

Considerando a busca da jovem pelas suas origens e, por conseqüência, de si mesma, o presente trabalho objetiva, unicamente, abordar o caráter simbólico da viagem para o autodescobrimento da personagem-narradora, de maneira a evidenciar a importância de o indivíduo sair de si para constituir-se sujeito de si mesmo.

## 2. Os significados simbólicos da viagem na literatura

A viagem tem, em todas as suas dimensões, o intuito de ultrapassar fronteiras na medida em que, ao mesmo tempo em que essas são quebradas, são, também, reinventadas. Contudo, não só se rompe fronteiras na chegada, mas durante todo o percurso, pois o ato de partir é por si só descobrimento e renúncia. Percebamos, assim, que o velho só recebe essa conotação em decorrência do conhecimento daquilo que é novo, isto é, a partir da viagem em busca de algo e, por conseguinte, de seu percurso e potencial encontro com o almejado, é que podemos afirmar que o novo de outrora já fora sobrepujado. Sobre as conquistas do homem por meio de viagens, Ianni (2003, p. 22) nos ensina que

O Velho Mundo somente começou a existir quando os navegantes descobriram e conquistaram o Novo Mundo. O Ocidente somente começou a existir quando os viajantes, comerciantes, traficantes, missionários, conquistadores e outros descobriram o Oriente. Desde que Fernão de Magalhães realizou a primeira viagem à volta da Terra, esta começou a parecer esférica, diferente do que se acreditava até então.

No que compete à literatura universal, podemos afirmar que diversas narrativas clássicas abordaram o tema da viagem ao longo tempo, como por exemplo, *A Odisséia*, de Homero, *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne, *As viagens de Gúliwer*, de Jonathan Swift, *A divina comédia*, de Dante Alighieri e *Os lusíadas*, de Camões, para ficarmos apenas no campo da literatura canônica, que tratam não apenas do deslocamento espacial do herói em busca de novas terras ou de conquistas gloriosas, mas que versam, também, sobre o encontro do eu que muitas vezes só é descoberto pelo movimentação física e pelo contato com o outro.

As viagens, segundo Chevalier (2015, p. 952), “como as de Ulisses, de Hércules, de Menelau, de Salaad e de tantos outros, são interpretadas como buscas de ordem psíquica e mística”. O autor afirma, também, que “o simbolismo da viagem, particularmente rico,



resume-se no entanto na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual” (2015, p. 950), pois evidencia o desejo de mudança, principalmente do âmago do indivíduo, pelo contato com experiências outras.

Destarte, a viagem, seja como mote da narrativa ou metáfora, é contumaz na literatura, haja vista que os deslocamentos a que os personagens se submetem, sejam eles espaciais ou não, colaboram para o desenvolvimento e descoberta do outro e da própria percepção do eu, independentemente se a viagem que o personagem faz é rápida ou longa, real ou virtual.

É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. A viagem pode ser breve ou demorada, instantânea ou de longa duração, delimitada ou interminável, passada, presente ou futura (IANNI, 2003, p. 13).

Desse modo, percebe-se que a metáfora da viagem é recorrente na literatura, pois o personagem, de modo geral, “ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu” (IANNI, 2003, p. 26). Nesse sentido, não só os personagens arrumam as malas e saem em viagem, mas também o leitor que no ato de sentar-se com um livro nas mãos, viaja sem jamais sair do lugar e assim transforma-se e redescobre-se. Lopes (2002, p. 180), por seu turno, ao tratar do tema, afirma que “a viagem do livro se torna uma metáfora para a vida e o corpo é visto como uma mala”.

A narrativa clássica não consegue mais se manter em destaque, haja vista que, segundo Benjamin (1994), este tipo de narrativa deriva da troca de experiências comumente marcada pela oralidade, enquanto que

O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, **levar o incomensurável a seus últimos limites**. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive (BENJAMIN, 1994, p. 201, grifo nosso).



Em vista disso, Benjamin, considerando a obra de Leskov, afirma que o narrador adquire conhecimento por meio da experiência das viagens e que isso é agregado ao seu fazer literário. O herói, ao se lançar na eterna busca pela glória, concomitantemente se constitui enquanto sujeito e altera o espaço social no qual está inserido. Entretanto, Lopes (2002, p. 178), ressalta que “os lugares interessam menos por eles mesmos e mais por sua interação com o protagonista e seus encontros”, ou seja, a troca de experiências existente a partir do local que se visita vale mais que o simples ato de observar o local por si só.

Sobre os romances que versam sobre o espaço físico e histórico de determinadas regiões, ainda que elucidem certo tom memorialístico, Cury (2007, p.12), afirma que

pouco têm a ver com a tradição literária do Regionalismo brasileiro. Antes, afinam-se mais com a tendência antinaturalista de percepção do local como ponto de partida para uma apreensão do país e do mundo e não como uma busca de afirmação de uma identidade brasileira, tomada como um todo uno e sem fraturas.

Deste ponto de vista, a busca do personagem em nada busca a unidade de uma identidade, como em outros períodos literários brasileiros; pelo contrário, em tempos líquidos, urge não ficar parado, além de que a homogeneidade da identidade é impraticável. Outrossim, a produção literária contemporânea é, nas palavras de Cury (2007, p. 13, grifo nosso), a tentativa de “expressar um espaço de desterritorialização, longínquo, estranhado e distante, **espaço de busca identitária de narradores em crise**”. Desse modo, é a partir do deslocamento espacial, muitas vezes, que se inicia a busca pelo entendimento do eu interior, isto é, é por meio da “busca subjetiva, um movimento ‘para dentro’” (CURY, 2007, p.12) na qual os personagens se reconhecem.

No que concerne às questões identitárias, precisa-se ter em mente que a identidade não se trata de “algo inato, que existe na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38), mas sim que é algo em constante transformação, isto é, não se trata de um produto pronto e acabado e sim de um constante processo. Considerando-se ainda os estudos de Hall (2006) sobre a identidade cultural, podemos depreender que a identidade do sujeito da pós-modernidade “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2006, p. 39, grifos do autor).



A literatura brasileira contemporânea, por seu turno, delimita-se quase que exclusivamente no cenário urbano com obras que destacam imagens de violência, desigualdades social e sexual e nas relações de poder a que o indivíduo está inserido, haja vista que o mesmo locomove-se incessantemente pelos “não-lugares” e acaba por não se prender a laços afetivos. Sobre os “não-lugares”, Augé (1994, p. 73) afirma que estes “são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância”, ou seja, aqueles espaços a que estamos circulando frequentemente como aeroportos e salas comerciais, por exemplo, em que não se constituem identidades de grupos ainda que haja interação entre esses indivíduos.

### **3. Os sentidos da viagem e a trajetória da protagonista no romance *A chave de casa***

Em *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy, a protagonista-narradora, que não é nominada durante toda o romance, ao se deslocar na busca da casa correspondente à chave que o avô lhe deu, não só passa por um processo de ressignificação e conhecimento de suas origens, como também por uma reconstrução de si própria, pois vai se construindo como sujeito de sua própria história. Nesse sentido, Ianni (2003, p. 13), afirma que “a viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir”.

No que diz respeito aos romances que tratam de viagens como busca por origens e autoconhecimento, Lopes (2002) nos ensina que é o contato do personagem com o espaço visitado que interessa, ou seja, a ida da protagonista de *A chave de casa*, à Turquia e, posteriormente, a Portugal, em busca de suas origens tem mais significado pelo que representam para a construção da personagem do que propriamente pelo que ela encontra, ou não, nesses lugares.

A protagonista inicia a sua história apresentando-nos o seu medo em relação à partida, seja a da mãe para ir trabalhar quando a narradora era criança e sentia-se abandonada diariamente, seja em relação à partida definitiva da mãe em decorrência da doença que a acomete, ou ainda, em relação à busca do passado do avô. De todo e qualquer modo, no início da narrativa, a personagem se percebe como uma expatriada por excelência, pois afirma “nasci no exílio, e por isso sou assim, sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?” (LEVY, 2013, p. 24). Fica claro que a personagem transpõe à sua escrita o fato de



não ter certeza de quem realmente é tendo, inclusive, a sensação de desconhecer o seu próprio nome. A ocorrência, durante todo o romance, de a narradora-protagonista não ser nomeada bem como não nomear nenhum dos personagens masculinos com quem mantém relações afetivas, corrobora com o sentimento de deslocamento da personagem que não se sente parte integrante de nenhum lugar no qual está inserida.

Quando decide aceitar o desafio de buscar as origens do avô e, conseqüentemente, as suas, a protagonista associa a viagem que fará com a possibilidade de voltar a andar, “de encontrar algum sentido para minhas dores e tentar me desfazer delas” (LEVY, 2013, p. 26), ou seja, é só a partir da busca pelo conhecimento das suas origens que a mesma conseguirá se livrar das amarras que a prendem na dor e no medo. Desse modo, a narradora-protagonista deixa claro o seu desejo com a viagem: “quero voltar a andar, **encontrar o meu caminho**. E me parecia lógico que se eu refizesse, no sentido inverso, o trajeto dos meus antepassados ficaria livre para encontrar o meu” (LEVY, 2013, p. 26, grifo nosso).

Ao considerarmos a obra como um todo, é importante que lancemos um olhar atento para o objeto que o avô destina à neta, uma vez que a chave, na literatura, é extremamente significativa. Como se sabe, a chave proporciona ao seu dono a possibilidade de abertura e/ou fechamento de algum objeto que impede a visão do outro lado e, por isso mesmo, do acesso ao conhecimento. Tal simbolismo é refletido na literatura, pois, conforme nos apresenta Chevalier (2015, p. 232), a chave possui “ao mesmo tempo, um papel de iniciação e de discriminação”.

Ao sair em busca de suas origens, indo para um país que lhe era conhecido apenas pelas memórias da família, a protagonista depara-se, no momento de sua chegada à Turquia, com a polícia federal que lhe requisita um visto para entrar no país. Tal fato desperta na narradora o sentimento de não pertencimento, pois embora seja descendente de turcos, e por isso acreditava que não haveria problemas para entrar no país, a protagonista é considerada apenas uma turista. Passada a raiva pelo episódio, a personagem admite que “a falta de reconhecimento da imigração não mudaria em nada” (LEVY, 2013, p. 40) a sua ligação com o país, haja vista que os laços que os unem são maiores que questões meramente burocráticas.

Durante toda a sua estadia na terra do avô, a protagonista alterna momentos de alegria e tristeza, haja vista que, ao mesmo tempo em que se sente apreensiva pela possibilidade de fracassar na missão dada pelo avô, a personagem encanta-se pela cidade, pelas construções, pelos costumes de seus antepassados, inclusive a mesma afirma em sua narrativa: “esqueço o motivo da minha viagem, a chave, a porta, o meu avô, o passado.



Somos só eu e ela [Mesquita Azul] naquele instante, como devem ser as verdadeiras relações de amor” (LEVY, 2013, p. 50). Percebe-se, pelo trecho acima, que a mesma ao realizar a viagem começa a se afastar do estado de desânimo que lhe abatera em decorrência do falecimento da mãe, mas, sobretudo, possibilita à personagem o fio condutor para o seu autodescobrimento.

Em certo momento da narrativa, enquanto ainda está em Istambul, a protagonista relata-nos o seu encontro com uma barraca de pepinos durante uma de suas caminhadas pela cidade. Ao se deparar com o inusitado comércio, a mesma lembra-se de sua infância na qual “não almoçava nem jantava se não houve um pepino de entrada, inteiro e com sal. No lanche da tarde, pepino” (LEVY, 2013, p. 80). Neste momento, a personagem se sente próxima de tudo aquilo que está vivendo fora de seu país, como se o ato de observar a barraca de pepino fosse um momento de epifania<sup>3</sup> que possibilitasse à narradora-protagonista reviver sua infância e, por conseguinte, entender que aquela história também é a sua. Podemos associar o momento catártico da personagem de *A chave de casa* (2013), em relação à barraca de pepinos, com Marcel e as madeleines, no primeiro volume do romance francês *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, no qual o narrador afirma, após mergulhar pedaços de bolo em sua xícara de chá:

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava [...], eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro [...]. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se cobrem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá (PROUST, 2006, p. 74).

Assim, depreende-se que alguns momentos marcantes da vida dos personagens, suscitados por fatos do cotidiano, podem possibilitar a noção de reconhecimento e, principalmente, de pertencimento a uma história. Nas palavras da narradora: “comecei a pensar que sim, havia um sentido nessa viagem. O passado não era apenas do meu avô, não era apenas daqueles que tinham emigrado. O pepino comprovava.” (LEVY, 2013, p. 80).

<sup>3</sup> Entende-se por epifania, neste contexto, como o ato de reconhecimento e revelação. Harvey (1968) *apud* Moisés (2013, p. 159) define epifania como um “momento de intensa visão que descortina uma significação muito além do mundo cotidiano da experiência comum”.



Ao se submeter à viagem em busca de informações sobre os seus antepassados, o sujeito inscreve-se como precursor de sua história, pois o ato de decidir sair em diligência por suas origens possibilita ao mesmo o contato com quem se é na essência. Entretanto, segundo a narradora, toda busca carrega algum tipo de dor:

os sentimentos mudam, mas a dor persiste [...]. Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. É bonito, é interessante, é engraçado, mas dói. Essa herança dói. O que trago comigo sem escolha dói. Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história de meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor (LEVY, 2013, p. 137).

Contudo, partindo das considerações da narradora, podemos intuir que é por meio do contato com a dor que a personagem consegue enxergar e constituir-se sujeito de sua própria história, haja vista que é pela viagem realizada que a mesma consegue amenizar a dor pela perda da mãe, expurgar todos os fantasmas do relacionamento abusivo pelo qual passou, bem como ir em contato com as origens do avô, na Turquia, e, também, as suas próprias, em Portugal, o país onde nasceu durante o exílio político de seus pais.

Todos os caminhos percorridos pela personagem durante a sua viagem corroboram para o encontro de suas origens, entretanto os locais por si só não são importantes, conforme nos ensina Lopes (2002), isto é, o local visitado se constitui como mote para o desvelamento do objetivo da viagem a partir do contato existente entre ambiente e personagem e não, apenas, por suas características físicas isoladas. Nas palavras da narradora “é essa a cidade que procuro, não a cidade dos tapetes e ouros, não a cidade do tabaco e da boa comida, mas a cidade da minha família” (LEVY, 2013, p. 143).

Ainda que a protagonista não encontre a porta que seria aberta pela chave dada pelo avô, a narradora alcança o resgate de suas origens por meio do contato com a cultura e os costumes que por tantos anos fora a realidade do avô, conseguindo, assim, uma maior aproximação consigo mesma. O fato de não encontrar a casa de pé já era esperado pela personagem:

Não posso dizer que tenha ficado realmente frustrada com a ausência da casa, a falta de diálogo com os meus parentes. Nunca imaginei que fosse ser diferente, nunca pensei que haveria uma casa à minha espera, aguardando apenas o encaixe perfeito da chave na fechadura. Quanto ao encontro, tampouco esperava uma história emocionante, dessas que enchem nossos olhos de lágrimas (LEVY, 2013, p. 156).



Percebe-se, desse modo, que a narradora tinha consciência da probabilidade da viagem ser, no sentido estrito de encontrar a casa, em vão, porém, ao mesmo tempo, tem a percepção do quanto a viagem contribuiu para a assimilação da sua história. Quando não encontra a porta para a chave que possuía, a protagonista-narradora decide encerrar sua visita à Turquia e coloca-se a caminho de Portugal, “o país de onde veio a minha família e também onde nasci” (LEVY, 2013, p. 156).

Quando trata da viagem para Portugal, a protagonista afirma que fora para lá para deslindar suas origens, porém descobriu mais, constatou “outra coisa: não tenhas medo da palavra amor” (LEVY, 2013, p. 165). Neste ponto da narrativa, a personagem inicia o relato de sua paixão por um rapaz português que conhece em seu primeiro dia no país lusitano ao pedir a ele a gentileza de tirar uma foto sua ao lado da estátua de Fernando Pessoa. Diferentemente do que acontece com o relacionamento abusivo pelo qual passou, o encontro e o primeiro contato entre a narradora e o rapaz português (também não nomeado) é permeado por sorrisos e compreensão mútua e não por uma atração estritamente sexual. Gestos pequenos realizados pelo rapaz, como dar uma flor ou carregar a mala, vão despertando na personagem a consciência do que, talvez, fosse realmente o amor, aumentando ainda mais o abismo entre as duas experiências amorosas descritas no romance. Durante o relacionamento que teve nos anos em que viveu no Rio de Janeiro, a protagonista nunca se sentiu confortável ou mesmo feliz próxima de seu companheiro, pois era uma relação pautada pela voracidade sexual e pela submissão aos desejos do homem; entretanto, com o rapaz português, a narradora sente-se extremamente feliz, tanto é que “sentia o peito apertar, uma dor que eu não sabia existir quando se tratava de felicidade” (LEVY, 2013, p. 179).

Com o desenrolar da narrativa, a personagem conta ao novo companheiro sua trajetória em busca da casa na Turquia e, concomitantemente, começa a adquirir consciência do quanto a viagem fora importante, pois assim como a casa não estava mais lá, ela também já não era mais a mesma:

Contei que tinha feito esse percurso para tentar sair do lugar, porque havia muito eu não me levantava da cama, no Brasil. Contei também da morte da minha mãe, da dor, do luto. Disse-lhe que falo com ela ainda hoje. Falo com os mortos, afirmei, com os mortos que me acompanham. E depois contei do amor que me matou: um dia eu ameie um homem, e esse homem me matou. Contei da violência, dos rasgos que ele fez na minha carne, e mostrei as



marcas, as cicatrizes todas. E disse: se o amor é isso, prefiro não amar (LEVY, 2013, p. 183).

Percebe-se que, ao contar toda a sua vida para um homem que conheceu recentemente, a narradora estabelece mais diálogo do que em todo o tempo em que ficou presa nas amarras do relacionamento anterior. A viagem a Portugal, nesse sentido, possibilitou a ela o entendimento de que, muitas vezes, é preciso mudar, respirar novos ares, sair de si, esquecer as amarguras do passado para alcançar a felicidade. Diante da história narrada pela protagonista e do seu eminente medo do amor a partir de uma experiência anterior, isto é, pautada pela dor, o português afirma: “não, o amor não é isso” (LEVY, 2013, p. 183), o que evoca o distanciamento alcançado no que concerne à noção de amor pela protagonista, ou seja, é a partir da viagem e do contato com outro ambiente e outras pessoas, que a personagem conseguiu desmistificar o medo que sentia e percebeu-se capaz de amar e ser amada sem sentir dor, seja ela física ou não.

Ao decidir voltar para o Brasil, a protagonista-narradora toma consciência de que sua ida a Portugal tinha o objetivo de “desfazer velhos laços” (LEVY, 2013, p. 186), porém acabou criando um novo vínculo que já estava na premência do adeus. Nesse sentido, evidenciam-se as relações líquidas definidas por Bauman (2004), nas quais o sujeito está inserido em um mundo de incertezas onde nada mantém uma forma fixa, ou seja, tudo se molda conforme o meio em que se está inserido, assim como a água que se adequa ao recipiente em que está posto. Ao considerar a vida líquida como sendo atravessada por imediatismos, bem como a instabilidade do sujeito numa sociedade cada vez mais volátil, o autor propõe discussões sobre as relações afetivas, haja vista que o sujeito transpõe para seus relacionamentos o individualismo e acaba por não criar laços sólidos com seu (sua) parceiro (a). Assim, a perda da qualidade das relações propicia a troca constante de parceiros. Tal informação pode ser ratificada pela quantidade de jovens que fazem uso de aplicativos na internet para conhecer pessoas, desconhecendo, inclusive, qualquer outro método de flerte. Destarte, a modernidade no que tange o encontro de pessoas se distancia dos métodos antigos na medida em que, inclusive, inviabiliza o contato pessoal, pois, muitas vezes, os jovens não sabem como conquistar seus parceiros pessoalmente. Nesse sentido, Bauman (2004, p. 19), afirma que

[...] a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil



em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de "amor": Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de "fazer amor".

Destarte, a viagem da protagonista de *A chave de casa* (2013) a Portugal possibilita que a mesma, a partir de um relacionamento "relâmpago", se reencontre como mulher e volte a acreditar que as relações afetivas podem ser saudáveis e felizes, mesmo que em derredor da fragilidade das relações contemporâneas. Quando, ao partir de táxi para o aeroporto, se questiona "por que, quando é bom, não pode dar certo?" (LEVY, 2013, p. 187), a personagem deixa transparecer o discurso atual da juventude que acredita que o bom está (e sempre estará) longe do alcance, porém os mesmos jovens não levam em consideração o fato de ser justamente a proximidade que, frequentemente, transforma potenciais relacionamentos bons em ruins.

No final do romance, ao embarcar de volta para o Brasil, a narradora-protagonista relata estar em paz e afirma "minha relação com Portugal não era mais uma relação com o passado, nem do passado" (LEVY, 2013, p. 188), reafirmando o seu autodescobrimento enquanto personagem de sua própria história. Ao chegar ao Brasil, a narradora retorna ao seu ponto de partida, porém, com uma percepção totalmente diferente de si, pois o ciclo do autoconhecimento jamais se fecha ainda que voltemos ao lugar de onde partimos, afinal, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio.

#### 4. Considerações finais

De acordo com Chevalier (2015, p. 952), no que tange a literatura, a viagem exprime "uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento, concreto ou espiritual. Mas essa procura, no fundo, não passa de uma busca e na maioria dos casos uma fuga de si mesmo". No romance *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy, a protagonista, a partir de um presente inusitado do avô, isto é, uma chave residencial, lança-se em busca das origens da família ao mesmo tempo em que se descobre enquanto sujeito de sua própria história.



Ao ir para Turquia, por mais que não tenha encontrado a casa com a porta cuja chave deveria abrir, a personagem desvela suas origens e, a partir de fatos oriundos da cultura turca que já estavam inclusos na sua vida, reconhece-se como sujeito atribuindo maiores sentidos para a sua própria história.

A narradora-protagonista, durante a viagem, consegue não só se despojar dos liames de uma relação abusiva de uma vez por todas, como encontra um novo homem que a enxerga como mulher e lhe mostra o amor por outro prisma que não o da dor e da submissão. Seu percurso pelo país, que outrora acolhera seus pais exilados durante seu nascimento, possibilitou muito mais que uma volta ao passado e resgate de origens, possibilitou que ela nascesse novamente e pudesse continuar a escrever, ainda que “com as mãos atadas” (LEVY, 2013, p. 9).

### Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. 27<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. In:\_\_\_\_\_. **Letras Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 7-17, dezembro 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In:\_\_\_\_\_. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.



LOPES, Denilson. A viagem e uma viagem. In: \_\_\_\_: **O homem que amava rapazes**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução de Mário Quintana. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 327-336.